

AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS REAFIRMAM A NECESSIDADE DE UMA MUDANÇA DE MENTALIDADE E ATITUDES

Uma mudança de mentalidade e de atitudes era a expressão mais frequentemente escutada durante o simpósio sobre a Prevenção aos Desastres Naturais, como Enfrentar as Mudanças Climáticas, com motivo da XXXV Reunião Anual da Associação Interciência, que se realizou por primeira vez na Bolívia conjuntamente com a Associação Boliviana para o Avanço da Ciência (ABAC) e o Vice-Ministério de Ciência e Tecnologia, que selecionou o tema. O poder de convocatória de Interciência permitiu congregar um selecto grupo de cientistas em várias disciplinas relacionadas à temática, provenientes de as Américas, de outros continentes e os ministerios de Bolívia, da indústria e das universidades.

As conclusões e recomendações, sintetizadas na Declaração de Cochabamba e publicada neste número de *Interciência*, lembram a cada um que as ações concretas para cuidar de nosso planeta não são viáveis se não há solidariedade e equidade entre os seres humanos, principalmente com aqueles que vivem na pobreza e indigência.

Já é observada a trágica procissão dos males que se apresentam por efeitos das mudanças climáticas, por exemplo o aumento do predomínio da malária no Altiplano Andino, o desaparecimento dos glaciares acompanhado pela seca em diversas áreas e inundações persistentes em outras, e o acesso limitado à qualidade-água e a terras férteis.

Por isto é necessário redefinir o conceito de desenvolvimento: ética com humanismo marcado por valores espirituais que transcenda a qualquer solução. Devemos destacar a necessidade de buscar a complementariedade entre conhecimento científico moderno e o saber ancestral dos povos originários indígenas e camponeses. Por outro lado, se requer a participação dos cientistas da região, de infraestruturas locais e o acesso à maestria internacional para deixar à disposição dos países, principalmente dos mais fracos, os conhecimentos, as tecnologias eficientes e eficazes localmente e globalmente.

A Associação Interciência concorda com a recomendação de criar uma fonte única e com autoridade sobre informação climática; especialmente devido a que a intersecção mais forte entre a tomada de decisão humana e o estresse ambiental está a nível regional ou local (Barron EJ (2009) *Science* 326: 643). Então, a proposta de investir em novos centros de excelência (Bierbaum RM e Zoellick RB (2009) *Science*

326: 771) para criar capacidades, oferecer programas educacionais, tecnologias e práticas de gestão, deveria também implementar-se regional e localmente. Os lugares obvios serão em áreas vulneráveis como Altiplano Andino, O Caribe e Centro América.

A próxima década será da aplicação de energias limpas e renováveis, campo em que muitos países das Américas estão chamados a desempenhar um papel importante. Destacamos o caso da Bolívia, que deverá entrar em uma nova era através do aproveitamento inteligente de seu potencial energético, em particular o que atesora no Salar de Uyuni que poderia converter-se no maior laboratório de aplicações das energias: solar, eólica, geotérmica e baterias de lítio. Este país poderia dar um salto quântico para uma sociedade pos-industrial sem ter que pagar os custos meio ambientais e sociais das economias industriais. Por sua parte, o povo indígena, proprietário do Salar de Uyuni, poderia aportar uma contribuição histórica ao planeta.

Os participantes ao simpósio celebrado em Cochabamba insistiram em que a comunidade científica também tem a chave do futuro, proporcionando educação de alta qualidade em ciência e tecnologia. “A esperança reside na intervenção da juventude que deve demonstrar um conhecimento completo e ativo nos riscos entrantes para o futuro do planeta”. Esta geração e as seguintes sofrerão de não atender aos sinais de hoje. A juventude tem que começar agora a influenciar aos governos.

Finalmente, devemos recordar gratamente que, das navees espaciais, os astronautas admiram a fosforescência do Salar de Uyuni quando o continente americano se encontra em sua fase escura. Mais que um sinal geográfico, Uyuni poderia converter-se em um farol, um símbolo desta nova era das energias limpas e renováveis para retornar a nosso planeta cheio de saúde e pródigo para todos os seres que a habitamos.

MICHEL BERGERON,
Presidente da Associação Interciência
MARIO R. CORDERO CAMACHO,
Presidente da ABAC